



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO — CEDUC
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ANTÔNIO GOMES DA SILVA JÚNIOR

**A CONSTRUÇÃO DE UM HERÓI: ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS NA
ESCRITA DE LUIZ PINTO**

CAMPINA GRANDE

2018

ANTÔNIO GOMES DA SILVA JÚNIOR

**A CONSTRUÇÃO DE UM HERÓI: ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS NA
ESCRITA DE LUIZ PINTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Licenciado em História.

Área pesquisa: História e Narrativa.

Orientadora: Profa. Dra. Luíra Freire Monteiro.

CAMPINA GRANDE

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586c Silva Junior, Antonio Gomes da.
A construção de um herói [manuscrito] : André Vidal de
Negreiros na escrita de Luiz Pinto / Antonio Gomes da Silva
Junior. - 2018.
36 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Luíra Freire Monteiro ,
Coordenação do Curso de História - CEDUC."
1. Historiografia. 2. Heroísmo. 3. Capitania hereditária. 4.
História da Paraíba. I. Título

21. ed. CDD 907.2

ANTÔNIO GOMES DA SILVA JÚNIOR

A CONSTRUÇÃO DE UM HERÓI: ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS NA
ESCRITA DE LUIZ PINTO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentada ao Curso de Graduação em
História da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento à exigência
para a obtenção do grau de Licenciado
em História.

Área pesquisa: História e Narrativa.

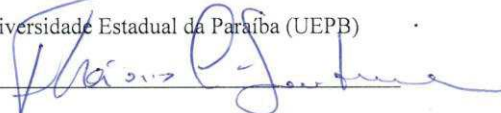
Aprovada em: Campina Grande, 06 de Dezembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA



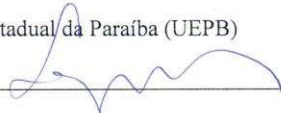
Prof. Dra. Luíra Freire Monteiro (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Flávio Carreiro de Santana (Examinador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Lucira Freire Monteiro (Examinadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, por todo o suporte que me deram
desde a infância, dedico.

AGRADECIMENTOS

Os que me acompanham de perto, desde minha entrada no curso de História, em 2014, sabem das mudanças que passei durante estes anos dentro da Universidade Estadual da Paraíba. Posso afirmar com a certeza de que o céu é azul e a grama é verde que estas mudanças foram cem por cento positivas em minha vida. Pus-me, desde o começo, na contramão daqueles que entram num curso de alguma das humanidades: resisti às ideologias nocivas à alma, que nos condenam ao sofrimento eterno, como o marxismo e a ideologia de gênero, comuns dentro da sala de aula e nos corredores da academia.

Por isto e por tudo que enfrentei dentro da universidade, sou grato a várias pessoas que estão comigo cotidianamente. Não citarei todos os nomes para que não haja injustiça, mas os que lerem estes agradecimentos saberão a quem devoto esta gratidão.

Primeiramente, agradeço àqueles que estão no Reino dos Céus olhando-me e guiando-me para que eu não cometa barbaridades em minha vida. Sem a conversão ao catolicismo, sei que nada disso teria sido possível e, com quase toda certeza, poderia estar escrevendo meu trabalho sobre algum tema deletério ao espírito. Nosso Senhor Jesus Cristo, Santíssima Virgem Maria, Santo Antônio de Pádua — de quem possui a honra de carregar o nome —, São Bento, padroeiro do Velho Mundo, e todos os santos e anjos, em especial meu anjo da guarda, agradeço-Lhes imensamente pelo exemplo e força espiritual que me deram nesta jornada.

Agradeço aos meus pais, Antônio Gomes da Silva e Maristela da Silva, por tudo que fizeram em minha vida desde o meu nascimento até o presente momento. Sei que o exemplo dado por eles tornou-me o que sou hoje.

Agradeço ao meu irmão e aos primos que são quase irmãos. É necessário tê-los por perto para que saibamos verdadeiramente o que é a família.

Agradeço aos irmãos que a vida me deu. Feliz o homem que possui irmãos de sangue e de alma, e eu os possuo. Tenho carinho especial por cada um deles e sei que a força e exemplo que me deram durante a trajetória universitária foi fundamental.

Agradeço à minha namorada, Lisandra Maria Barroso, por sempre presentear-me com seu apoio, carinho e tranquilidade; que durante a elaboração deste trabalho mostrou-se detentora de admirável paciência, o que muito ajudou a manter-me sereno e confiante.

Agradeço àqueles que entraram em minha vida na própria academia. Fiz poucos amigos, é fato, mas estes foram especiais e merecem minha modesta lembrança.

Dentre os poucos amigos que fiz no ambiente acadêmico, três merecem um agradecimento especial: minha orientadora, a professora Luíra Freire Monteiro; o professor Flávio Carreiro de Santana; e a professora Lucira Freire Monteiro. Estas pessoas são especiais de uma forma inexplicável. Sofrem na pele as dificuldades da profissão aqui no Brasil, mas mesmo assim continuam a exercê-la com amor nos gestos e candura no olhar, dando maravilhoso testemunho de como deve atuar um professor, o qual sempre tomarei como exemplo.

Por fim, agradeço às minhas duas maiores referências intelectuais: o filósofo e professor Olavo de Carvalho, e o professor Rafael Nogueira. São grandes homens, verdadeiros mestres da cultura, exemplos que a cada dia tento integrar às minhas aspirações intelectuais.

*“Moderação na defesa da verdade é serviço
prestado à mentira” Olavo de Carvalho*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. Vidal de Negreiros: afirmação e grandeza de uma raça — a obra de Luiz Pinto	12
2. Os neerlandeses no Estado do Brasil segundo Luiz Pinto.....	14
2.1 Devem ser expulsos os holandeses	18
3. O herói Vidal de Negreiros na escrita de Luiz Pinto: estratégias discursivas. 19	
3.1 Vidal de Negreiros: o herói da fé	22
3.2 Vidal de Negreiros: o herói das armas	25
3.3 Vidal de Negreiros: o herói político.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31

A CONSTRUÇÃO DE UM HERÓI: ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS NA ESCRITA DE LUIZ PINTO

Antônio Gomes da Silva Júnior¹

RESUMO

A resistência às invasões holandesas às Capitanias do Norte do Estado do Brasil resultou no destaque de combatentes luso-brasileiros que guerrearam por anos contra o invasor estrangeiro. Dentre estes combatentes, destacamos a figura de André Vidal de Negreiros. Considerado pelo IHGP um herói legitimamente paraibano, buscamos entender a construção da aura mitológica em torno da figura do soldado. Para isto, utilizamos a obra do escritor Luiz Pinto a fim de analisarmos as estratégias discursivas em seu texto que serviu para solidificar Vidal de Negreiros enquanto herói. Três perfis do soldado paraibano foram traçados a partir da análise da escrita de Luiz Pinto e, conseqüentemente, a forma que foi construído e solidificado este herói legitimamente paraibano.

Palavras-chave: Vidal De Negreiros. Heroísmo. Historiografia.

¹ É graduando do Curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus I Campina Grande, Centro de Educação. E-mail para contato: aantonioegomes@gmail.com

INTRODUÇÃO

O Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) foi constituído em 1905 com a finalidade de escrever a história da Paraíba pelas mãos dos próprios paraibanos, buscando, desta forma, evidenciar as principais qualidades de seu povo e a amplitude e nobreza de seu Estado. Neste sentido firmou, tal como demonstra DIAS², um elemento centralizador na construção historiográfica do IHGP.

Nomeada de “paraibanidade”³, esta identidade resultaria de características comuns⁴ aos homens que se destacaram no processo de conquista e colonização da capitania. Tais características teriam sido legadas à população local que, enquanto sua portadora, se diferenciaria e destacaria das demais populações formadoras do todo nacional.

A bravura enquanto elemento formador da identidade paraibana interessa-nos de pronto, vez que converge a sua criação para o acontecimento histórico que aqui se configura como contexto de nossos interesses: a construção de um herói tipicamente paraibano.

No ensejo da dominação holandesa nas terras açucareiras do que se convencionou chamar de “nordeste” do Brasil, emergiu um nativo paraibano para fazer frente ao invasor: André Vidal de Negreiros.

A despeito da existência de outros nomes que demarcariam eventos históricos vinculados às qualidades relacionadas à identidade paraibana, nenhum deles destaca-se ao nível de Vidal de Negreiros, o primeiro e grande herói nascido na Paraíba, que por ela lutou e que por sua luta se destacou na triangulação Brasil — Portugal — Angola.

A premissa que norteou a pesquisa parte da constatação da criação de certa mitologia — uma narrativa carregada de interesses bem claros — a ser utilizada junto à população como exemplo do que se deveria ser ou seguir. Assim seria a historiografia paraibana definida pelos homens de letras do IHGP.

² DIAS, Margarida Maria Santos. *Intrepidaab origine: O Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e a produção da história local — 1905/1930*. João Pessoa: Almeida Gráfica e Editora Ltda, 1996.

³ Termo criado por Cláudio Santa Cruz, ex-presidente do IHGP, em 1964.

⁴ De acordo com o IHGP, a paraibanidade — “ser paraibano” — é composta por cinco características fundamentais que foram caracterizadas em alguns momentos dentro da história da Paraíba. São estas: o pacifismo, a civilidade, o heroísmo, a liberdade e o espírito republicano. Ver: DIAS, Margarida Maria Santos. *Op. Cit.*

Para atingir nosso intento, voltamos nossa análise para a obra de Luiz Pinto, autor da obra *Vidal de Negreiros: afirmação e grandeza de uma raça*, biografia única dedicada a este personagem da história da Paraíba.

Analisaremos, pois, quais as estratégias utilizadas por Luiz Pinto em sua escrita para criar este mito do grande herói paraibano.

1. Vidal de Negreiros: afirmação e grandeza de uma raça — a obra de Luiz Pinto

Publicada em 1960, pela editora Alba, no Rio de Janeiro, esta obra do escritor paraibano Luiz Pinto tornou-se objeto central de análise deste trabalho por ser, possivelmente, a única biografia sobre André Vidal de Negreiros.

O recorte tomado por Luiz Pinto é simples e direto: a vida de Vidal de Negreiros. Para contá-la, o autor dividiu a obra em vinte capítulos, em sua grande maioria curtos, contextualizando, inicialmente, o momento vivido na Europa e no Estado do Brasil, que levou os neerlandeses⁵ às grandes invasões às capitanias do norte do estado americano do Império Luso-Espanhol.

Após descrever esta conjuntura, Luiz Pinto dedicou um capítulo inteiro a narrar alguns traços da personalidade de Vidal enquanto alferes do exército luso-brasileiro. Neste momento, conseguimos perceber as estratégias discursivas para a construção de um herói.

Os demais capítulos giram em torno da história dessas invasões até a expulsão dos estrangeiros batavos, embora o biógrafo insista em não excluir seu principal personagem de sua narrativa. Mesmo contando detalhadamente o que ocorreu em cada momento, em cada capitania e trazendo diversos nomes que fizeram parte destes

⁵ É corriqueiro nas narrativas sobre o período holandês do Brasil o uso indistinto de quatro termos que referenciam os estrangeiros que invadiram as terras brasileiras: *holandeses*, *neerlandeses*, *batavos* e *flamengos*. A utilização destes termos sem uma explicação anterior ocasiona uma confusão no entendimento do leitor. Portanto, faz-se completamente necessário uma explicação sobre estes. A Holanda que colonizara as capitanias do Norte do Estado do Brasil era uma das sete Províncias do Norte dos Países Baixos que, no ano de 1579, separaram-se das Províncias do Sul e, dois anos depois, em 1581, realizaram sua independência em relação à Espanha. Ver FEIST, Hildegard. *Pequena História do Brasil Holandês*. São Paulo: Moderna, 1998. Seguindo esta linha de raciocínio, estes quatro termos podem ser utilizados como sinônimos, literariamente falando, a julgar por referirem-se, em contexto geral, ao que está relacionado aos Países Baixos. Tratando cada termo de forma individual, podemos destacar que *neerlandês* é o idioma falado em todas as Províncias dos Países Baixos; o termo *flamengo* refere-se ao habitante belga que fala neerlandês, diferenciando-se dos demais belgas, que falam alemão ou francês; o terceiro termo é *batavo* e este refere-se aos povos germânicos que habitavam a região da Batávia — região dos atuais Países Baixos. Informações disponíveis em: <<http://fatoshistoricosdobrasil.blogspot.com/2012/02/holandeses-batavos-flamengos-post.html>>. Acesso em 26 de novembro de 2018, às 10 horas e 45 minutos.

momentos, Luiz Pinto mostra como foi a participação do herói em cada situação, levando ao leitor a importância que André Vidal teve em todo o processo de restauração.

Mesmo trazendo no corpo de seu livro diversos pontos cruciais para criar uma aura mítica em torno de Vidal de Negreiros, desde a dedicatória, Pinto integra colocações de outros escritores que pesquisaram sobre este período do dito Brasil holandês, como uma forma de argamassar a base de seu pensamento acerca de Vidal de Negreiros. Para isto, Joaquim Nabuco, Will Durant, Francisco Adolfo de Varnhagen, General Lobato Filho, Basílio de Magalhães e Barleus têm citações antes do início do livro, isto além da dedicação do livro à Francisco Adolfo de Varnhagen, Hermann Watjen, Joaquim Ribeiro e José Honório Rodrigues, seguida dos dizeres “*os grandes historiadores do domínio colonial holandês no Brasil*”⁶.

Luiz Pinto foi um escritor paraibano nascido na cidade de Mamanguape, no dia 10 de abril de 1904. Faleceu em 13 de julho de 1977, aos 73 anos. Por volta dos vinte anos, já na capital do Estado da Paraíba, trabalhou como aprendiz de revisor e na distribuição do Jornal A União. Serviu ao Exército e, em seguida, foi nomeado Escriturário do Tesouro do estado; por este tempo, já escrevia nos jornais Diário da Manhã e Diário da Tarde, ambos de Recife. Durante o governo do Presidente Argemiro de Figueiredo, Luiz Pinto foi nomeado Diretor da Biblioteca Pública. Enquanto esteve neste cargo, seu gabinete serviu como sede para a fundação da Academia Paraibana de Letras, no dia 14 de setembro de 1941, sob o comando de Coroliano Dias. Por ter sido membro-fundador da APL, ocupou a cadeira número 12.

Devido a desavenças políticas que envolveram a Paraíba, Luiz Pinto não se sentira motivado a continuar no estado. Foi quando mudou-se para o Rio de Janeiro, em 1942. Lá, trabalhou como jornalista e, em 1961, formou-se em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atuou como diretor do Serviço de Documentação do DASP, sendo, posteriormente, transferido para a Fazenda Nacional. Escreveu, também, nos jornais “A Notícia”, “Diário da Notícia”, “Diário Carioca” e “Correio da Manhã”. Foi diretor da Revista de Finanças Públicas e aposentou-se ocupando o cargo de agente de imposto aduaneiro.

Além da obra trabalhada nesta pesquisa, Luiz Pinto escreveu “Síntese Histórica da Paraíba”, “Homens do Nordeste e outros ensaios”, “Ernesto”, “Tiradentes”, “Terra

⁶ PINTO, Luiz. *Op. Cit.*, p. 7.

seca”, “Os Desgraçados”, “História do Povo Brasileiro”, “General Osório”, “Antologia da Paraíba”, “Coletânea de Poetas Paraibanos”, “Caderno de Poetas da Paraíba”, “A Influência do Nordeste nas Letras Brasileiras”, “Tavares Bastos” e “Pandiá Calógeras”.

Por fim, os últimos quatro capítulos do livro são destinados, novamente, às particularidades do herói paraibano. O autor traz minuciosamente como foi a vida do homem que lutou contra os holandeses após o fim da guerra, tratando de sua vida política, de sua velhice, e obra social.

O último capítulo é formado apenas pela transcrição dos testamentos de Vidal que, segundo Luiz Pinto, “*só por si, bastariam para firmar a biografia de Vidal de Negreiros*”⁷.

2. Os neerlandeses no Estado do Brasil segundo Luiz Pinto

O ensaio para o que viria a ser a dita invasão holandesa às capitanias do Norte do Estado do Brasil ocorreu em 1624, especificamente no dia 11 de maio, quando Johan van Dorth, nobre e militar neerlandês, fez-se governador de Salvador, a então capital brasileira.

Esta primeira tentativa não ocorreu ao acaso. Portugal e Holanda mantinham boas relações comerciais envolvendo a produção (plantação e refinamento) e venda de açúcar, entretanto, com a união entre as coroas da península ibérica — a União Ibérica⁸— estas relações foram comprometidas por causa do conflito entre Espanha e Holanda⁹.

Com o intuito de quebrar o monopólio comercial ibérico existente além do Atlântico e a fim de expor sua força política e econômica, a República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos¹⁰ organizou, em 1621, uma poderosa empresa de

⁷ *Idem*, p. 7.

⁸ A União Ibérica foi a união dinástica entre as monarquias de Portugal e Espanha, logo após a Guerra da Sucessão Portuguesa. O início se deu no ano de 1580, com a coroação de Filipe II, rei de Espanha, como Filipe I, agora, rei de Portugal. Durante sessenta anos (1580-1640) a monarquia portuguesa foi subjugada à monarquia espanhola, resultando na subjugação política de Portugal à Espanha.

⁹ FEIST, Hildergard. *Op. Cit.*

¹⁰ Foi o agrupamento político entre as sete províncias do norte dos Países Baixos entre os anos de 1581 e 1795: Frísia, Groninga, Gueldres, Holanda, Overissel, Utreque e Zelândia. Ver ISRAEL, Jonathan. *The Dutch Republic: Its Rise, Greatness and Fall 1477-1806*. 1. Ed. Nova Iorque: Oxford University Press, 1995.

comércio, chamada de Companhia das Índias Ocidentais¹¹ — inspirada num modelo já utilizado no Oriente, a Companhia das Índias Orientais.

Criado o meio para combater Espanha, os olhos batavos voltaram-se para a colônia ibérica localizada na América. Já sendo conhecedores da quantidade de engenhos de açúcar presentes no território brasileiro, estando eles, em grande maioria, localizados nas capitanias da Bahia, Pernambuco e Paraíba, o foco do experimento de colonização deveria ser naqueles pontos e, sendo a capital do Estado brasileiro, Salvador foi o ponto inicial desta batalha.

Como dito, os neerlandeses chegaram à Salvador em maio de 1624. De imediato, o Governador-Geral Diogo de Mendonça Furtado foi preso e, para substituí-lo, o então Governador da Capitania de Pernambuco, Matias de Albuquerque, foi convocado. O pernambucano formou um exército de recrutas e voluntários para ir ao socorro da Bahia.

Enquanto aguardava pela ajuda do exército que estava a caminho, uma resistência nativa organizada pelo bispo D. Marcos Teixeira, por meio de guerrilhas e emboscas¹², serviu para atrasar o sucesso batavo. Desta forma, a resistência conseguiu impedir a interiorização dos holandeses, e Portugal e Espanha puderam preparar e enviar reforços com um único objetivo: libertar a todo custo a Bahia.

Um ano após a invasão, em 29 de março de 1625, a esquadra luso-espanhola chegou à Baía de Todos os Santos. Junto à esquadra, o exército enviado por Matias de Albuquerque cercou a cidade de Salvador, forçando a rendição neerlandesa, capitulada no primeiro dia de maio daquele ano. O jovem André Vidal de Negreiros, que tinha apenas 18 anos quando se alistou ao exército para atender aos apelos da Bahia, lutou bravamente na expulsão dos holandeses da capitania da Bahia e participou da perseguição à esquadra flamenga até deixá-la fora da capitania da Paraíba, como afirma Pinto.

Os anos seguintes foram um momento de reestruturação para os batavos. Os saques feitos durante a invasão à Bahia, em 1624, e os ganhos conseguidos com a pirataria custearam o reerguimento da W.I.C. — enfraquecida desde a expulsão de 1625 — e, então, mais uma vez, os holandeses puderam voltar seus olhos à América luso-

¹¹ Daqui em diante, a sigla W.I.C. — West-IndischeCompagnie — será utilizada para referir-se à empresa colonial holandesa.

¹² Prática de guerra muito utilizada por indígenas. Consistia em um pequeno agrupamento de homens que atacavam o inimigo de surpresa e rapidamente retiravam-se do local com o intuito de reagrupar-se para novos combates surpresas.

espanhola, planejando mais uma invasão. Neste momento, o foco seria outro, uma capitania mais ao norte: Pernambuco.

Em fevereiro de 1630, sob o comando do almirante Hendrick Corneliszoon Loncq, uma esquadra com sessenta e sete navios e aproximadamente sete mil homens investe sobre a capitania de Pernambuco, conquistando, primeiramente, Olinda e, em seguida, Recife. Os neerlandeses vieram ao Brasil determinados e bastante preparados para conquistar, fazendo-o sem muita dificuldade. Entretanto, o Governador pernambucano, Matias de Albuquerque, formou uma resistência luso-brasileira nos arredores da cidade de Recife. Este posto de resistência e luta contra o avanço neerlandês foi chamado de Arraial do Bom Jesus.

A resistência no Arraial deu-se por alguns anos, utilizando o sistema de guerrilhas e emboscadas, mas os holandeses estavam mais bem preparados para uma guerra mais duradoura. Restava, pois, aos luso-brasileiros, força e bravura. A situação da resistência de Matias de Albuquerque tornou-se ainda mais crítica após a invasão holandesa à capitania da Paraíba¹³ e a deserção de Domingos Fernandes Calabar¹⁴. Enfraquecidos, restou aos resistentes recuarem em direção à Bahia.

Com a queda do Arraial, o conde João Maurício de Nassau¹⁵ foi nomeado governador do Brasil holandês, em 1637. A W.I.C. possuía alguns planejamentos que deveriam ser postos em práticas por Nassau e, além da administração das conquistas — Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Itamaracá —, o holandês deveria conquistar mais duas capitanias: a da Bahia e a do Maranhão.

Nassau tornou-se bastante reconhecido e visto com bons olhos dentro da historiografia brasileira pelos seus feitos em Recife, mas sua primeira missão na colônia holandesa no Brasil não foi realizada com sucesso. A tentativa do conde de conquistar a

¹³ Em 1624, após serem expulsos da Bahia, durante seu caminho de volta à Europa, os holandeses passaram pela Paraíba, na região da Baía da Traição, onde buscaram um reabastecimento e recuperação dos enfermos. Enfraquecidos pela derrota no território baiano, foram também expulsos do território paraibano. Anos depois, após o reerguimento da W.I.C. e uma nova vinda à América luso-espanhola, os holandeses, em 1631, iniciaram suas tentativas de conquista da Paraíba. Depois de três tentativas sem sucesso, no ano de 1634, a capital paraibana, Filipéia, foi subjugada pelos batavos e renomeada com o nome de Frederica. Ver MELLO, José Octávio de Arruda. *História da Paraíba — Lutas e Resistência*. João Pessoa: A União, 2007.

¹⁴ Nascido na vila de Porto Calvo, em 1604, Domingo Fernandes Calabar foi um senhor de engenho que ficou conhecido dentro da historiografia brasileira por ter feito parceira com os holandeses durante sua invasão à capitania de Pernambuco. Calabar tornou-se, então, um dos maiores traidores de nossa História. Ver: VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História das lutas com os holandeses no Brasil desde 1624 até 1654. (original de 1871)*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2002.

¹⁵ Johan Maurits van Nassau-Siegen (1604-1679) nasceu em Dillenburg, na Alemanha. Foi o príncipe e conde do Sacro Império Romano-Germânico que foi contratado pela Companhia das Índias Ocidentais para governar as capitanias conquistadas no território brasileiro entre os anos de 1637 e 1644.

Bahia foi falha e os batavos, mais uma vez, não conseguiram aquele território para si. O resultado desastroso para os holandeses fez com que o foco da colonização voltasse novamente para as capitanias mais ao norte.

Ao mesmo tempo que o Conde Maurício de Nassau comandava a colônia holandesa no território brasileiro, o paraibano André Vidal de Negreiros articulava-se e conseguia adeptos para o seu plano de restauração. Em 1642, após uma ida à Portugal para acertar os planos desta restauração, Vidal de Negreiros retornava ao Estado do Brasil acompanhado de Antônio Teles da Silva, o novo Governador-Geral do Brasil, trazendo consigo uma promessa formal, feita pelo Rei D. João IV, que o tornaria governador da Capitania do Maranhão assim que esta fosse restaurada. Enquanto aguardava a posse, o paraibano continuava sua articulação para pôr em prática seu plano. Todavia, Nassau não desconfiava que Vidal tramasse uma insurreição, permitindo que o paraibano transitasse por Recife e pela Paraíba livremente. Numa de suas idas à Recife, o paraibano conseguiu um forte aliado à causa: João Fernandes Vieira¹⁶.

O domínio holandês atingiu seu ápice em 1642, possuindo oito capitanias: Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Itamaracá, Pernambuco, Alagoas e Sergipe. Mesmo dispondo de oito capitanias, neste mesmo ano, o poderio de Nassau não era tão firme quanto antes, conforme observado por VARNHAGEN¹⁷.

Após a tomada do Maranhão pelos luso-brasileiros, em 1645, André Vidal de Negreiros assumiu o governo da capitania e fez daquele local um suporte para manter suas viagens de adesão de adeptos. Assim nos mostra Pinto:

Assumindo o governo do Maranhão, [...] André Vidal fez dali apenas um ponto de apoio para suas incursões viagens à Paraíba e Recife, clandestinas, para colher adeptos, planejar a guerra, animar os fracos, encorajar os medrosos¹⁸.

A saída de Nassau do comando da W.I.C. em 1644 e a posse de Vidal como governador do Maranhão no ano seguinte caracterizam algumas das reviravoltas que aconteceram naquela década e que derrocaram a Holanda das terras brasileiras.

¹⁶ O português João Fernandes Vieira foi um senhor de engenho na capitania de Pernambuco no Estado do Brasil que tomou destaque na historiografia brasileira por ser um dos principais chefes militares nas lutas contra os holandeses.

¹⁷ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Op. Cit.*

¹⁸ PINTO, Luiz. *Op. Cit.*, p. 67.

2.1 Devem ser expulsos os holandeses

As grandes reviravoltas na história vieram a partir de 1640. Neste ano, a União Ibérica chegou ao fim e, conseqüentemente, a guerra não possuía mais sentido — ou melhor: não possuía o mesmo sentido de antes.

Faz-se de suma importância a compreensão de quem estava neste confronto: de um lado, inicialmente, lusitanos, brasileiros e espanhóis; de outro, neerlandeses (em geral, calvinistas) e judeus. Tendo iniciado o embate devido uma disputa entre Holanda e Espanha, que envolveu Portugal e o Estado do Brasil por causa da União Ibérica, o fim da união dinástica das monarquias ibéricas resultou numa mudança de sentido na guerra. Agora, com a saída espanhola, Portugal, tendo D. João IV em seu trono real, buscava a paz por meio de acordos, enquanto os brasileiros, que tiveram que guerrear em seu território, defendiam que a expulsão dos flamengos deveria ser completada para que o sangue jorrado em solo brasileiro não viesse a ser em vão. É, portanto, neste momento, que vemos florescer um sentimento de pertencimento à terra, por parte dos brasileiros que aqui guerreavam, e que levou às grandes batalhas de expulsão batava.

Vidal de Negreiros era, dentre os brasileiros, talvez um dos mais acalorados e ferrenhos defensores da obra de limpeza do território brasileiro:

D. João IV decerto queria a paz com a Holanda, mas também queria a luta de libertação. Os nativos do Brasil, a única paz que aceitavam era aquela conquistada pelas armas, com a capitulação total do agressor. E nesse particular é claro o severo André Vidal. O rei e vice-rei tentam uma trégua. Bambeia a política de hostilidade. E aí D. João foi decidido. É nesse passo da crônica que se verifica haver a restauração nascido da coragem, da decisão e da firmeza de André Vidal¹⁹.

Vidal de Negreiros, realmente, queria executar seu plano de restauração e expulsão dos holandeses e, como prova disto, Pinto transcreve na íntegra uma carta-rebelde escrita pelo paraibano e destinada ao Rei na qual os sentimentos que permeavam os luso-brasileiros são expostos: era preferível queimar os campos e engenhos e matar as esposas e filhas para que os hereges não pudessem desfrutar das terras. Ao mesmo tempo, Vidal ainda afirma que, caso o Rei não os ajudasse, eles iriam atrás de qualquer príncipe católico a fim de conseguir este apoio.

Eram múltiplos os sentimentos que guiavam os luso-brasileiros naquele momento. A questão religiosa talvez fosse a mais presente ou, pelo menos, a mais usada

¹⁹ *Idem*, p. 69.

para atrair adeptos ao movimento insurreto. Por um lado, os luso-brasileiros defendiam a fé católica romana e eram contrários a presença de calvinistas, tidos como hereges, e de judeus, que estavam atuando ao lado dos neerlandeses. Outro aspecto que moveu paixões para guerra foi a economia. Os holandeses eram mais rigorosos com questões econômicas, como cobranças de impostos, enquanto a Coroa lusitana era mais flexível e, por consequência disso, insatisfaziam-se os luso-brasileiros com este modo operacional adotado pelos batavos²⁰. Por fim, vemos que, no campo político, os nativos da terra, que eram católicos, não aceitavam submeterem-se ao controle político de calvinistas.

Esta mistura de sentimentos insatisfatórios foi a munição necessária para a Insurreição Pernambucana, que passaria a ser conhecida como Guerra de Libertação Nacional²¹— ou Guerra Brasília²² — no ano de 1648.

Se dissermos, então, que questões religiosas, econômicas e políticas foram a munição para a guerra, o gatilho pode ser considerado, na obra de Luiz Pinto, o paraibano André Vidal de Negreiros.

3. O herói Vidal de Negreiros na escrita de Luiz Pinto: estratégias discursivas

Na obra de Luiz Pinto intitulada *Vidal de Negreiros: afirmação e grandeza de uma raça* podemos observar detalhadamente passagens da vida do herói que fizeram-lhe possuir uma posição destacada dentro da historiografia local e, por que não, nacional, já que outros autores, como Francisco Adolfo de Varnhagen²³, destacaram-no durante o período do Brasil neerlandês.

Todavia, Luiz Pinto além de detalhar a trajetória de Vidal de Negreiros, desde sua precoce entrada no recém-nascido exército luso-brasileiro, aos dezoito anos de idade, até sua velhice e obra social, traz em sua escrita algumas estratégias com o sentido de solidificar o seu discurso²⁴— aqui, falamos diretamente da forma que o texto foi escrito, como a escolha de palavras para a formação do vocabulário, como adjetivos

²⁰A respeito ver: NETSCHER, Pieter Marinus. *Os holandeses no Brasil: notícia histórica dos Países Baixos e do Brasil no século XVII*. Recife: Companhia Editora Nacional, 1942.

²¹ MELLO, José Octávio de Arruda. *Op. Cit.*

²² FREYRE, Francisco de Brito. *Nova Lusitânia, História da Guerra Brasília (manuscrito de 1675)*. São Paulo: Beca Produções Culturais, 2001.

²³ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil*. 3. ed. e 4. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1928.

²⁴ CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo. *História e Análise de texto*. In: *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

e advérbios; e, também, a escolha de enunciados — que dão ao combatente paraibano dos tempos coloniais um posto de herói e, principalmente, um herói legitimamente paraibano, responsável pela manutenção de um grande Brasil português nos tempos coloniais.

Podemos perceber, então, esta ideia do autor já na escolha do título para sua obra: primeiramente, o nome do personagem — Vidal de Negreiros —; em segundo lugar, o substantivo feminino “afirmação” seguido de outro substantivo feminino, “grandeza”. O primeiro substantivo remete ao ato de afirmar algo e o segundo, qualificar aquilo que é grande. Portanto, já no título, o autor deixa no ar que Vidal de Negreiros foi o responsável por afirmar e dar grandeza a uma raça — raça esta que concluímos ser o povo paraibano, já que o intuito de Pinto, em paralelo aos interesses do IHGP, é construir a imagem de um herói legitimamente paraibano.

Após a dedicatória do livro, algumas citações de outros autores são postas com o intuito de reforçar a ideia central que permeia durante toda a obra de Pinto. Primeiramente, Joaquim Nabuco: “*O homem é o nome póstumo*”²⁵; Will Durant: “*Numa idade que nivela tudo e nada reverencia, ponho-me ao lado de Carlyle e acendo minhas velas, como Pico de Mirândola diante da imagem de Platão, no santuário dos grandes homens*”²⁶; em seguida, vemos Francisco Adolfo de Varnhagen: “*André Vidal era homem tão superior que necessitava um Plutarco para apreciá-lo*”²⁷; General de Exército Lobato Filho:

Vidal de Negreiros, na vanguarda da força assim reajustada, lançou um ataque tão violento, tão bem dirigido e com tanta impetuosidade, que fez recuarem os holandeses e foi levando para o boqueirão todo o destroço da tropa que ia escapando da morte no combate e nos pantanais²⁸.

Basílio de Magalhães: “*André Vidal de Negreiros (de acordo, seguramente, com Antônio Teles da Silva) preparou e combinou todo o plano da revolta, ou, melhor, da epopeia pernambucana*”²⁹; e, por fim, para dar início à introdução do livro, Luiz Pinto traz uma citação de Barleus: “*Por essa mesma época, detinha-se na Província da*

²⁵ PINTO, Luiz. *Op. Cit.*, p. 9.

²⁶ *Idem*, p. 9.

²⁷ *Ibidem*, p. 9.

²⁸ *Ibidem*, p. 9.

²⁹ *Ibidem*, p. 9.

Paraíba o capitão André Vidal de Negreiros, que, mandado da Bahia, seis meses antes, com cartas para os senhores de engenho, incitava-os clandestinamente à sedição...’’³⁰.

Todas estas citações trazidas por Pinto no início de sua obra dão-nos a ideia da importância de Vidal de Negreiros dentro da Insurreição Pernambucana, que foi chamada de “epopeia pernambucana” por Basílio de Magalhães e, também, por Luiz Pinto. Percebemos, portanto, que a grandeza que Pinto dá à Vidal em sua obra não é uma ideia e solitária do autor, mas é algo compartilhado por diversos outros historiadores que escreveram sobre o período em questão.

Após as citações, o autor traz a primeira imagem do livro e esta é do personagem central de sua obra. Os quatro componentes da tetrarquia da restauração — Vidal, Vieira, Dias e Camarão — têm suas imagens postas no decorrer das páginas do livro, mas é Vidal quem aparece em primeiro lugar e logo nas primeiras páginas.

A introdução, iniciada logo após a imagem de Vidal, traz dois planos para a obra de Pinto: o primeiro, André Vidal de Negreiros, desde sua personalidade até seus feitos, tornando-o um dos grandes heróis dos tempos coloniais; e o segundo ponto — não tão forte quanto o primeiro — é a tese do autor de que um sentimento nativista ou mesmo de nacionalidade, como é colocado no texto, já era demonstrado em todos os períodos da guerra contra o domínio colonial holandês. Sobre este segundo ponto, Luiz Pinto afirma:

São vários os episódios que nos levam a essa quase conclusão, indo de encontro aos que a esquecem, sob o pretexto de que não podia haver esse sentimento nativista ou menos de nacionalidade, uma vez que éramos uma colônia de Portugal. Não parece forte argumento. Fatos posteriores, rebeldia de grupos e correntes de ideias visando livrar o Brasil do próprio domínio luso podem servir de base ao nosso ponto de vista, sobretudo se analisarmos os acontecimentos dessas fases primitivas da nossa história, fases de levantes armados contra qualquer feitor estranho, tão fecundas depois do século XVIII³¹.

Esta tese do autor não será tratada detalhadamente neste trabalho, mas, por estar intrinsecamente ligada à figura de Vidal de Negreiros por ser ele um portador deste sentimento, merece ser pontuada.

Como dito, além da tese, a introdução nos dá o ponto central da obra de Luiz Pinto que é a figura do herói paraibano. A partir desta parte da obra, conseguimos,

³⁰ *Ibidem*, p. 9.

³¹ *Ibidem*, p. 11.

mesmo que inicialmente, traçar as características de Vidal de Negreiros escolhidas para a feitura de nosso trabalho.

Elaborando um resumo da obra já em sua introdução, Pinto mostra-nos que a guerra contra os holandeses, na perspectiva luso-brasileira, era uma guerra religiosa, entre católicos e protestantes, sendo os últimos chamados de “hereges” pelos primeiros: *“A bandeira que empunhavam [os luso-brasileiros] contra a Holanda era a bandeira da religião católica contra os calvinistas, a que eles na luta chamavam de ‘hereges’”*³². Sabendo deste caráter religioso da guerra e sendo Vidal um brasileiro, conclui-se que o herói possuía uma forte postura religiosa, mais especificamente, uma postura católica. A fé católica do herói é essencial em sua construção e será o primeiro ponto de nossa análise, como mostraremos mais adiante.

O segundo ponto que analisaremos na construção do herói é também incluso na introdução: o caráter militar envolto do patriotismo de Vidal de Negreiros. É nesta entusiasmada introdução escrita por Pinto que ele revela-nos um pouco do patriotismo que tinha Vidal. Ao falar de uma carta-rebelde enviada pelo herói ao Rei D. João IV, Pinto diz que *“[a carta] é um reflexo grandioso desse amor ao Brasil, e dela se aufere que já havia naquele instante um espírito de brasilidade nos corações brasileiros”*³³. Neste ponto, o escritor dá ao seu leitor uma ideia do quão imenso era este amor que Vidal de Negreiros tinham pelo Brasil; um amor tão grande e tão profundo que o levou a enviar uma carta-rebelde “ameaçando” o próprio Rei de Portugal.

O último ponto que examinaremos não está explícito na introdução, mas é presente no decorrer dos capítulos do livro: Vidal de Negreiros enquanto político. O herói paraibano, além de um católico fiel e um bravo soldado, foi, também, político e governou, dentro do Império Português, as capitânicas de Pernambuco e do Maranhão e a colônia de Angola, localizada na África.

Estes três pontos são o grande destaque da obra para formar o herói paraibano e, portanto, merecem ênfase neste trabalho.

3.1 Vidal de Negreiros: o herói da fé

A primeira ideia passada por Luiz Pinto em relação a Vidal de Negreiros é a de grande defensor da fé católica romana. Segundo o autor, o paraibano era bastante ligado

³² *Ibidem*, p. 12.

³³ *Ibidem*, p. 12.

ao catolicismo e quando soube da invasão dos neerlandeses à Bahia, correu para juntar-se às tropas e ir ao combate.

Quando Matias de Albuquerque acudiu os chamamentos e reclamos da Bahia, arregimentando tropas para combater o invasor batavo, um jovem paraibano vibrou de entusiasmo. Queria lutar também, seguir com os recrutados de qualquer maneira, acudir em defesa da sua pátria e da sua religião³⁴.

O princípio de amor à terra nativa e à religião era a bandeira que se não ofuscava. Isto determinava as mais cruéis represálias, os mais atrozes combates. Na alma de André Vidal era sacrossanto esse princípio, que o elevou tão alto, em todas as horas, em todos os prélios que enfrentou e venceu, da extrema mocidade à extrema velhice³⁵.

Tinha apenas dezoito anos quando ocorreu a invasão à Bahia e alistou-se ao exército com muito entusiasmo. Era apenas um jovem com a vida toda pela frente, mas decidiu abandonar tudo, especialmente sua família, para lutar por sua religião e por sua terra.

Apenas o fato de abrir mão de sua juventude para guerrear em nome de sua fé já seria um grande ponto a ser considerado para a formação de um herói, entretanto, Luiz Pinto mostra-nos que Vidal de Negreiros foi além: era um homem simples e com grande modéstia e, por isso, talvez, tenha sido esquecido ou posto em segundo plano — atrás de João Fernandes Vieira — por alguns que propuseram-se a versar sobre estes tempos. Nesta passagem da obra que Pinto traz esta ideia.

Todas as investigações levadas a cabo em documentos insuspeitos, quer em Portugal, na Espanha, Holanda e no Brasil, a conclusão a que se chegou foi de haver sido Vidal o verdadeiro criador da sublevação brasileira de 1654, tão ofuscada por algum tempo, primeiro pela sua desmedida modéstia e simplicidade, segundo pela auréola lendária que desde os tempos de Calado e Rafael de Jesus se formara em torno da figura de Fernandes Vieira³⁶.

A vida inteira dedicada à defesa de sua terra por meio de combates privou o soldado paraibano de alguns prazeres da vida, como o casamento. Ao chegar à velhice, Vidal possuía feições de um homem que se dedicou completamente à guerra e que deixou à margem de sua vida toda vontade de constituir uma família: doou-se inteiramente à sua terra e ao seu povo. Por esta razão e por ser um católico bastante fiel,

³⁴ *Ibidem*, p. 31.

³⁵ *Ibidem*, p. 33.

³⁶ *Ibidem*, p. 36.

o herói paraibano decidiu aproveitar o que lhe restava de vida para construir sua obra social que seria deixada para as próximas gerações — não de sua família, pois não possuía herdeiros, mas de seu povo.

Não teve amor ao belo, na sua concepção material. Não versejou, como reclamara um ministro do rei, não enlaçou a alma máscula de guerreiro ao coração frágil de uma mulher para a renovação da espécie. O seu amor concentrou-se à pátria. Foi um peregrino do civismo, um mago da fé. Fez-se guia do seu povo, sem nunca haver esmorecido, nem recuado, nem temido. Enquanto sentiu a pegada do inimigo no chão do Brasil, aí esteve a cobri-la, a apaga-la. Ou morreria na luta ou tangeria os invasores insolentes que menosprezavam a sua religião. E assim os anos se passaram sem que se desse por achado, sem que pensasse no seu futuro, na sua vida, na sua velhice. [...] E quando, passada a luta, o guerreiro da Paraíba erguia os olhos para o céu, tirando-os das veredas, dos rios e riachos, dos morros e caminhos onde procurava o invasor, teve a impressão de ver nas nuvens o reflexo de sua imagem de homem cansado e envelhecido. Estava velho, compreendeu. Era preciso construir alguma coisa de definitivo, deixar uma obra social uma vez que não deixava prole. Parecia-lhe essa a sua missão final, uma tarefa sagrada, fora para isso que emergiria tantas vezes de oceano de fogo e fumaça. Retornava à paz que perdera aos 18 anos. Reconstruía cidades e finanças, nos governos do Maranhão, Pernambuco e Angola, mas agora ia reconstruir-se através de uma obra social de amparo aos necessitados. Era a prova de que as mágoas, as lutas, o sangue, o inferno que o envolvera por tantos anos, não lhe mataram o sentimento, não puderam apagar o fogo sagrado do seu coração. Teria de que envergonhar-se naquela altura da existência, sob o pátio da velhice, dos quase 70 anos? Não! O herói não se envergonha dos seus feitos, que são glórias da pátria! E Vidal era um herói sem empáfia, que, como diz o padre Vieira, tudo que fazia era mais pelos seus soldados e pela pátria. Daí ter ele recusado todos os oferecimentos que lhe foram feitos, posto à margem comendas, prestígio, glória, tudo, para dar balanço no que lhe restara e estabelecer com isso as bases de uma obra que de fato marcou uma clareira nova na época, obra social avançada, de amparo à velhice, à orfandade, aos desvalidos que muito ressalta a sua compreensão de homem público e patriota³⁷.

Neste parágrafo podemos observar, minuciosamente, diversos pontos sobre o caráter católico do herói paraibano. Luiz Pinto o chama de “mago da fé” e, quando entrelaça a fé católica ao espírito de soldado, diz que Vidal “ou morreria na luta ou tangeria os invasores insolentes que menosprezavam a sua religião”. Esta correlação leva o leitor a perceber que, acima de tudo, Vidal de Negreiros era um homem temente a Deus e à religião católica e que era isto que o motivava primeiramente, deixando de lado qualquer pensamento sobre as particularidades de sua vida.

Para falar da obra social do herói, Pinto a envolve com o catolicismo ao afirmar que esta obra era “a sua missão final” e “uma tarefa sagrada”. Seria por isto, então, que o herói sobreviveu à uma vida inteira dentro de uma guerra violenta. Ele, enquanto

³⁷ *Ibidem*, p. 98-99.

católico, ainda tinha mais uma missão para concretizar antes de sua morte e esta seria uma “obra social avançada, de amparo à velhice, à orfandade, aos desvalidos”. Concluiu-se, portanto, que apesar de todos os feitos em nome de sua fé, Vidal de Negreiros, aos olhos de Deus, para ter uma morte tranquila e alcançar a salvação, deveria dar àqueles que nada têm algo de concreto para seus auxílios. Para realizar isto, o soldado paraibano enumera todas as suas posses — era um homem rico que conquistou tudo com as guerras — e escreveu uma série de testamentos a fim de realizar sua caridade. Todos os testamentos foram anexados à obra de Pinto, que, sobre eles, afirma:

As minudências que aparecem nos seus testamentos [...] dão um roteiro da precisão de sua obra, tão nobre e grandiosa que vem refletir a sua personalidade: o homem, o soldado, o patriota, o ardoroso defensor da fé. Esses testamentos, só por si, bastariam para firmar a biografia de Vidal de Negreiros, cujos feitos homéricos ficaram sepultados por muitos anos, primeiro pela sua alta modéstia e, segundo, pela insinuação dos que, sentindo a simplicidade de Vidal, tentaram representar na história papel que na verdade não representaram. Os pesquisadores saíram a campo, os documentos da época foram examinados, fez-se a pesquisa, e André Vidal surgiu, como era natural, com a estatura que realmente apresentava, como a maior figura da luta contra o domínio colonial holandês³⁸.

É assim que Luiz Pinto dá entrada aos testamentos: reafirmando tudo o que havia dito no decorrer de sua obra; pontuando um por um dos pontos do herói — “o homem, o soldado, o patriota, o ardoroso defensor da fé.” —; enaltecendo seus feitos ao nomeá-los de “homéricos”; e relembando da grande modéstia e simplicidade de André Vidal de Negreiros.

Assim era o herói paraibano nos termos de sua fé católica. Mas o herói era mais que isso: era um bom soldado, um homem que, com sua bravura e maestria conduziu os luso-brasileiros à expulsão de todos os batavos que aqui fizeram suas colônias. Neste momento, analisaremos como Luiz Pinto construiu a figura militar do paraibano.

3.2 Vidal de Negreiros: o herói das armas

Já é sabido que Vidal de Negreiros possuía apenas dezoito anos quando entrou no exército luso-brasileiro para acudir a capitania da Bahia que havia sido invadida pelos neerlandeses. Naquela batalha de expulsão, o jovem soldado paraibano toma posição destacada. Resumindo a participação de Vidal, Luiz Pinto diz que o herói “logo

³⁸ *Ibidem*, p. 100.

se fez destro e valente soldado, não só lutou durante toda a fase de expulsão dos flamengos da Bahia como perseguiu a esquadra holandesa fugitiva até deixá-la fora de seu Estado natal”³⁹. Nesta passagem, podemos observar a gênese de toda a personalidade feita por Pinto em torno da figura militar de seu herói: “destro”⁴⁰ e “valente”⁴¹. Além destes traços de habilidade e valentia, o autor põe o herói como um soldado que participou de “toda a expulsão dos flamengos”, já que a invasão iniciou-se na Bahia e a expulsão terminou na Paraíba. Vidal, portanto, neste momento, agiu com habilidade e valentia, a fim de expulsar por completo os invasores de sua amada terra — e este sentimento é presente durante toda a vida do soldado paraibano.

No embate em solo baiano, Vidal de Negreiros chamou atenção de seus superiores. Mesmo não sendo habituado com a guerra, afinal, era um jovem, o soldado paraibano guerreava bravamente, sem medo do inimigo e sempre nas posições mais perigosas:

Os seus superiores hierárquicos começaram logo a distingui-lo, não só pela sua bravura indômita, mas ainda pela sua conduta serena, pelo seu instinto de soldado, pela segurança dos seus planos e rapidez por que procurava executá-los. [...] o jovem soldado paraibano se viu nos pontos mais arriscados, envolvido às vezes em turbilhões de ferro e fogo, competindo em destreza com os mais valentes soldados (...)

Não se fez demorar o renome de André Vidal de Negreiros no seio da tropa. Distinguido e disputado pelos superiores, viu-se durante a guerra da Bahia nos lugares mais arriscados, marchando à frente como um predestinado⁴².

É perceptível, ao lermos estes trechos, como Luiz Pinto envolveu o soldado paraibano em uma aura mítica. O uso do termo “predestinado” dá ao herói uma característica unitária, transformando-o num ser que deveria realizar algo que somente ele mesmo teria condições de realizar. É este o Vidal de Negreiros descrito pelo seu biógrafo durante toda a obra.

Logo após a expulsão de 1625, graças ao destaque conseguido, conseguiu Vidal o posto de alferes. À isto, Luiz Pinto atribui diversas características e afirma que o paraibano era “*uma vocação de soldado, tanto pela firmeza moral quanto pela robustez física*”⁴³. Tornou-se, também, um dos oficiais mais ouvidos dentro do exército e acatados. Nestas descrições que Pinto faz sobre as conquistas de Vidal após a guerra na

³⁹ *Ibidem*, p. 29.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 29.

⁴¹ *Ibidem*, p. 29.

⁴² *Ibidem*, p. 33.

⁴³ *Ibidem*, p. 34.

Bahia, um ponto é fundamental para ser observado: “*Os ferimentos recebidos por várias vezes, não lhe abateram o ânimo. Ao contrário, serviram para encorajá-lo ainda mais, para estimulá-lo à luta e à resistência*”⁴⁴. Ao mesmo tempo que traz à Vidal um aspecto humano — que parece ser perdido em outros momentos —, ao mostrar que ele também foi ferido, Pinto cria em seu personagem o caráter mítico que tanto falamos e, por mais que fosse ferido, o herói não se abalava. O herói usava aquilo como alimento para sua coragem e determinação na guerra.

Depois da expulsão de 1625, os batavos puseram suas incursões ao território brasileiro novamente em 1630. Nesta segunda investida, os neerlandeses conseguiram o desejado estabelecimento, mas durante todos os anos que aqui estiverem, foram o ponto central do pensamento de André Vidal de Negreiros. Em diversos conflitos existentes neste período Vidal guerreou, mas sempre planejava algo mais preciso e grandioso, a fim de expulsar definitivamente os invasores de sua terra nativa.

Foi, então, após tornar-se governador do Maranhão, em 1645, que Vidal de Negreiros conseguiu solidificar com aliados o seu plano restaurador. Pinto salienta que esta libertação brasileira do domínio holandês se deu graças ao paraibano:

A libertação do Brasil do domínio colonial holandês cabe, como nos mostram Varnhagen, João Riberto, Hermann Watjen, Pandiá Calógeras e outros intérpretes da luta de restauração, tal como a organização da revolta geral, a epopeia pernambucana, uma das maiores da história da pátria [...] sem dúvida, ao engenho extraordinário de André Vidal⁴⁵.

Vidal de Negreiros, como frisa o escritor, é o grande responsável por libertar o Brasil, mas Pinto não quer mostrar apenas isso. Ao trazer, em sua escrita, outros autores, ele mostra que é um consenso geral e aumenta, ainda mais, esta figura mítica e heroica do soldado restaurador.

O grande plano de reação à dominação neerlandesa foi preparado com muita cautela e jeito por André Vidal de Negreiros e Antônio Teles da Silva, o Governador-Geral, desde 1642, conforme assevera Rocha Pombo⁴⁶. Enquanto os insurretos arquitetavam-se com tal cautela, a situação econômica da Nova Holanda não ia bem, aponta Luiz Pinto. Esta crise interna e o alinhamento luso-brasileiro resultaram num

⁴⁴ *Ibidem*, p. 34.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 69.

⁴⁶ POMBO, Rocha. *História do Brasil: Nova edição ilustrada*. Rio de Janeiro — São Paulo — Porto Alegre: W. M. Jackson Inc. Editores, 1942, vol. I.

cercamento da cidade de Recife, em 1645. Naquele momento, sem Nassau no comando da Nova Holanda, “*a restauração do domínio luso era inevitável*”⁴⁷.

Apesar de toda a situação desfavorável, o domínio batavo manteve-se por mais alguns anos graças a ajuda enviada da metrópole na Europa. Foi, então, no ano de 1648, que o primeiro grande conflito entre luso-brasileiros e holandeses ocorreu: a primeira Batalha dos Guararapes.

Mesmo sendo o principal arquiteto da insurreição, André Vidal de Negreiros ficou na reserva no primeiro momento da batalha. Par isto, o biógrafo tem uma boa justificativa: “*Era o homem das horas difíceis, o que traçava, o que executava*”⁴⁸. Quando houve necessidade, Vidal entrou em combate e “*se atira ao inimigo como um alucinado*”⁴⁹. Vê-se, aqui, que o escritor reafirma as boas características de Vidal ao justificar sua reserva no primeiro momento da luta e mostra, ao usar a palavra “alucinado”, como o soldado estava sedento para que seu plano elaborado por quase uma década fosse concluído com êxito. Ao apresentar a participação do herói paraibano na batalha, mais uma vez, Luiz Pinto utiliza-se de outros autores para embasar a grandeza do personagem, justamente porque estes outros autores utilizam-se, assim como Pinto, de termos que engrandecem Vidal de Negreiros.

O general Lobato Filho, no seu estudo sobre as batalhas dos Guararapes, fez este registro: “Vidal de Negreiros, na vanguarda da força assim reajustada, lançou um ataque tão violento, tão bem dirigido e com tanta impetuosidade, que fez recuarem os holandeses [...]”⁵⁰.

Nesta transcrição, observamos que Lobato Filho utiliza-se de adjetivos que reforçam a apresentação feita anteriormente por Luiz Pinto — por isto que o biógrafo fez questão de transcrever este trecho da obra do general.

A 1ª Batalha dos Guararapes terminou no mesmo ano de seu início e simbolizou um dos mais terríveis combates dos tempos coloniais brasileiros. Ao finalizar seu relato sobre esta batalha, Luiz Pinto faz questão de resumir o papel do herói paraibano: “*A influência do mestre de campo André Vidal foi tão evidente, não só no traçar planos certos e tática perfeita, como no comandar e avançar à vanguarda, com o destemor de um guerreiro romano*”⁵¹. A construção torna-se evidente: Vidal é um exímio

⁴⁷ PINTO, Luiz. *Op. Cit.*, p. 75.

⁴⁸ *Idem*, p. 78.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 79.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 79.

⁵¹ *Ibidem*, p. 80.

estrategista, pois traçou uma tática perfeita e soube comandar com maestria. Ao mesmo tempo, quando preciso, guerreou com valentia e bravura, assim como um soldado do Império Romano.

Apesar desta vitória, o plano do guerreiro paraibano não havia sido completado. Dez meses após o primeiro confronto no Morro dos Guararapes, já em 1649, o exército luso-brasileiro enfrentou mais uma vez o exército invasor. A esta altura, os holandeses não estavam mais na cidade de Recife, mas se protegiam na Fortaleza de Margaretha. Mais uma vez, Vidal de Negreiros teve ímpar importância no confronto: *“Discutia-se o método de acometer o inimigo. Várias opiniões surgiram, mas venceu o ponto de vista de André Vidal: atacar o inimigo violentamente, partindo do engenho velho dos Guararapes”*⁵². E, dizendo isto, Luiz Pinto atribui ao herói paraibano, novamente, boa parte dos méritos da vitória. Em 19 de fevereiro daquele ano, findava-se a 2ª Batalha dos Guararapes, sendo os luso-brasileiros repetidamente vitoriosos.

No dia 26 de janeiro de 1654, cinco anos após os grandes confrontos no Morro dos Guararapes, a capitulação holandesa⁵³ foi assinada e, após décadas de luta, o objetivo que Vidal de Negreiros tomou para ser o eixo centralizador de sua vida foi concluído: foram expulsos os holandeses das terras brasileiras.

3.3 Vidal de Negreiros: o herói político

Os feitos do herói paraibano não ficaram apenas no campo militar. André Vidal foi mais que um defensor armado de sua fé e terra nativa, e sua atuação foi além dos campos de batalha. Foi ele também político, cuja competência com a qual exercera a função comprova-o ter sido muito mais que um destacado combatente.

A primeira experiência num cargo político aconteceu no ano de 1645, quando assumiu a capitania do Maranhão. Era um momento conturbado na região norte do Estado Brasileiro, pois os neerlandeses não haviam sido expulsos e os ânimos dos luso-brasileiros estavam acalorados. Enquanto esteve no comando desta capitania, neste momento pré-expulsão holandesa, Vidal utilizou-se do cargo para arquitetar o plano de

⁵² *Ibidem*, p. 82.

⁵³ Pode-se dizer que esta capitulação desvirtuou as sangrentas Batalhas dos Guararapes. O acordo, que teve intermédio da Inglaterra, ocasionou a retirada dos holandeses das terras brasileiras, mas, para isto, Portugal deveria pagar uma indenização de 400.000 cruzados, à razão de 250.000 pagos por ano em dinheiro, tabaco, sal ou açúcar. Para o pagamento desta indenização, a coroa lusitana teve de fazer um acordo com a Inglaterra, o que ocasionou no empobrecimento da nação lusitana desde então. Aos que estava aqui no Brasil e guerrearam contra os invasores, como é o caso de Vidal de Negreiros, restou contentar-se com uma paz definitiva. Para complementar, ver: POMBO, Rocha. *Op. Cit.*

restauração, mas, mesmo não estando presente com constância na capitania, conseguiu marcar seu governo:

Mesmo assim, entregando os postos de direção a homens capazes, fiéis à causa e honestos, a sua administração, numa hora intranquila, mesmo assim, marcou-se por realizações de relevo, sobretudo no tocante a manter inalterada a restauração, harmonizadas as almas, pois que, havendo morrido Antônio Moniz Barreiro na luta, era fácil uma degradingolada, sobretudo em face da agitação dos ânimos e ambição geral. Preciso se fazia de um pulso de aço para a garantia daquela conquista. E André Vidal, no Maranhão, foi esse homem⁵⁴.

É desta forma que o biógrafo narra a primeira passagem de Vidal de Negreiros como governador da capitania. Luiz Pinto destaca a força — “punho de aço” — que Vidal possuía para manter os luso-brasileiros no poder daquela capitania recém-restaurada.

Mesmo assumindo este cargo político enquanto guerreava contra os batavos, a carreira política de André Vidal decola apenas depois da expulsão definitiva dos invasores.

Quando terminada a guerra, o paraibano foi a Portugal e foi recebido em festa pela coroa que celebrava a vitória brasileira e o aniversário do Rei. Recebeu Vidal um abraço real e homenagens de toda a corte. Após dias na Europa, Vidal retornou ao governo da capitania do Maranhão, onde não permaneceu por muito tempo.

Durante o processo de reconstrução das capitanias que estiveram sob o domínio holandês, André Vidal foi transferido para a capitania de Pernambuco. Lá, Vidal entrou em conflito com o governador da Bahia, o general Barreto Menezes. É que, após anos de protagonismo durante a guerra, “*Pernambuco se considerava o líder supremo da Colônia*”⁵⁵, como afirma Pinto. Por este conflito e havendo uma luta na colônia da Angola, que estava sob o comando de Fernandes Vieira, os governadores são trocados: Vidal de Negreiros cruza o Atlântico e vai a Angola, e Fernandes Vieira assume a capitania de Pernambuco.

Para a atuação política de Vidal em Angola, Pinto diz: “*O bravo soldado em pouco tempo dominou a situação, foi condecorado com as honras de alcaide-mór, conselheiro de guerra das Vilas Marialva e Morim e a comenda da ordem de Cristo*”⁵⁶. O foco do escritor é no curto período de tempo que Vidal de Negreiros precisou para

⁵⁴ PINTO, Luiz. *Op. Cit.*, p. 67.

⁵⁵ *Idem*, p. 95.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 96.

restaurar a ordem na colônia africana e, como consequência disto e de sua carreira militar, os títulos que recebeu.

Em 1666, voltando ao Brasil após consolidar a situação de paz para o Império Português naquela colônia africana, Vidal recolheu-se à vida privada após décadas dedicada à guerra e, neste momento, decidiu construir sua obra social.

Este último ato da vida de Vidal de Negreiros só foi possível graças a tudo o que conquistou durante sua vida militar. O soldado paraibano, além dos grandes cargos tanto na carreira militar quanto na política e dos bons salários, conseguiu muitas terras — a maior riqueza da época — e montou variados engenhos, tornando-se um homem bastante rico e deixando tudo para obras de caridade em seu testamento.

O herói paraibano dos tempos coloniais, que nasceu no Engenho São João, na várzea do Rio Paraíba, em 1606, faleceu no Engenho Novo, na várzea do Rio Goiana, na capitania de Pernambuco, no terceiro dia de fevereiro de 1681, aos 75 anos de idade.

Percebemos, então, que o soldado paraibano André Vidal de Negreiros foi um homem de seu tempo e que cumpriu a existência que se propôs a viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao decorrer de nossa pesquisa, conseguimos observar como a historiografia age de forma parcial, selecionando aquilo que merece destaque, sendo uma narrativa grassada quase que completamente pelos interesses do autor. Entendemos, então, que não podemos buscar a verdade nos escritos de História com os quais trabalhamos, mas devemos compreender a capacidade dos autores em lidar com suas fontes, problematizá-las e fazer suas escolhas no sentido de apontar para a sua própria visão de mundo. Um historiador deve ser capaz de entender as entrelinhas das obras que estão sendo analisadas por ele e, por isto, é de fundamental importância saber qual o lugar social de seus autores para que um prévio direcionamento em torno da visão que aquele autor carrega consigo já seja sabido de imediato pelo historiador.

Partindo do pressuposto acima, ao analisarmos de forma aprofundada a obra de Luiz Pinto, percebemos que este escritor deu prosseguimento à proposta do IHGP datada do ano de 1905: construir uma história da Paraíba para ser consumida pelos paraibanos. Nesse sentido, Pinto decidiu fazer uma biografia daquele que considerou o maior herói nascido na Paraíba. Para o autor, este herói não foi Camarão, não foi Piragybe, não foi Delgado Freire Castilho; o heroísmo necessário para descrever as

características paraibanas — buscadas pelo IHGP para a construção do “ser paraibano” — nasceu da coragem de André Vidal de Negreiros.

Por fim, cumpre constatar que toda esta produção historiográfica em torno da figura do soldado paraibano que foi responsável pela expulsão dos invasores holandeses do território brasileiro possui mais de meio século de existência e, mesmo com o passar dos anos, vemos a presença do herói paraibano construído por Luiz Pinto representado com frequência nos lugares de memória da Paraíba — como no prédio do IHGP — e sendo nome de ruas em várias cidades do Estado, simbolizando que a memória do personagem criado ainda está viva no imaginário do povo paraibano.

THE CONSTRUCTION OF A HERO: ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS ON THE WRITING OF LUIZ PINTO

ABSTRACT

Resistance to the Dutch invasions of the Northern Capitánias of the State of Brazil resulted in the prominence of Portuguese-Brazilian fighters who fought for years against the foreign invader. Among these combatants, we highlight the figure of André Vidal de Negreiros. Considered by the IHGP to be a legitimate hero from Paraíba, we seek to understand the construction of the mythological aura around the figure of the soldier. For this, we use the work of the writer Luiz Pinto in order to analyze the discursive strategies in his text that served to solidify Vidal de Negreiros as a hero. Three profiles of the Paraíba soldier were drawn from the analysis of the writing of Luiz Pinto and, consequently, the form that was built and solidified this hero legitimately Paraíba.

Keywords: Vidal De Negreiros. Heroism. Historiography.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo. **História e Análise de texto**. In: Domínios da História. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

DIAS, Margarida Maria Santos. **Intrepida ab origine: O Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e a produção da história local — 1905/1930**. João Pessoa: Almeida Gráfica e Editora Ltda, 1996.

FEIST, Hildegard. **Pequena História do Brasil Holandês**. São Paulo: Moderna, 1998.

FREYRE, Francisco de Brito. **Nova Lusitânia, História da Guerra Brasílica (manuscrito de 1675)**. São Paulo: Beca Produções Culturais, 2001.

ISRAEL, Jonathan. **The Dutch Republic: Its Rise, Greatness and Fall 1477-1806**. 1. Ed. Nova Iorque: Oxford University Press, 1995.

MELLO, José Octávio de Arruda. **História da Paraíba — Lutas e Resistência**. João Pessoa: A União, 2007.

NETSCHER, Pieter Marinus. **Os holandeses no Brasil: notícia histórica dos Países Baixos e do Brasil no século XVII**. Recife: Companhia Editora Nacional, 1942.

PINTO, Luiz. **Vidal de Negreiros: afirmação e grandeza de uma raça**. Rio de Janeiro: Alba, 1960.

POMBO, Rocha. **História do Brasil: Nova edição ilustrada**. Rio de Janeiro — São Paulo — Porto Alegre: W. M. Jackson Inc. Editores, 1942, vol. I.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. **História das lutas com os holandeses no Brasil desde 1624 até 1654. (original de 1871).** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2002.

_____. **História Geral do Brasil.** 3. ed. e 4. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1928.